

# Diário de Notícias

FUNDADO EM 1864

## O futuro das Letras

**C**OINCIDINDO no tempo com manifestações estu-  
dantis que atingiram em Espanha insuspeitada am-  
plitude, a Universidade portuguesa começou tam-  
bém, há quase duas semanas, a experimentar alguma  
perturbação no sector das chamadas Letras e Ciências  
Humanas. A coincidência, diga-se desde já, não vai além  
das datas. Tanto os motivos invocados como os processos  
de actuação não têm aqui qualquer semelhança com a  
movimentação que vem causando alguns sobressaltos ao  
Governo de Madrid. Seria, no entanto, um equívoco  
avaliar o que entre nós se está a passar apenas pela sua  
fraca repercussão em termos públicos. Ano após ano, as  
escolas superiores, em particular aquelas em que agora se  
verifica alguma ebulição, têm vindo a acumular dificulda-  
des e a perder progressivamente qualquer perspectiva do  
que seja a sua função e do destino possível do seu corpo  
discente. Que este se interrogue, enfim, sobre alguns dos  
múltiplos problemas com que tem sobrevivido não é mais  
do que uma reacção esperada, fosse hoje ou amanhã, e  
um sintoma da crise há muito verificada.

Na realidade, o recurso que, durante alguns anos  
evitou o colapso das escolas estatais — o *numerus clausus*  
— já se tornou insuficiente para conter a explosão demo-  
gráfica e limitou-se a ir produzindo licenciados, dentro de  
certos limites, mas sem qualquer correlação com o empre-  
go disponível. Pior do que isso, todo o efeito restritivo que  
uma tal medida poderia produzir veio a ser neutralizado,  
já pela redução dos anos de duração dos cursos, já pela  
instalação de escolas privadas que oferecem serviços pre-  
dominantemente no sector das humanidades. O resultado  
é que, salvo raras excepções, os poucos licenciados que,  
no final do curso, conseguem ainda ter acesso ao ensino  
vão leccionar disciplinas a respeito das quais se ouviram  
falar foi talvez nos bancos do liceu.

As consequências deste absurdo estão à vista. Impro-  
visando-se no ensino superior, improvisa-se depois no  
ensino médio: o círculo de improvisação, colocando pro-  
fessores mal preparados nos liceus e fazendo chegar alu-  
nos mal preparados às universidades, ameaça tornar-se  
uma irreversível espiral de mediocridade. Os poderes

públicos, regra geral, não têm sido particularmente sensí-  
veis ao assunto. Os problemas de maior projecção dão-se,  
como é evidente, em escolas de impacte imediato na  
sociedade, como por exemplo as de Medicina, e por isso  
os responsáveis poderão ser assaltados pela tentação de ir  
deixando correr a questão da preparação de professores,  
que é como quem diz a questão das escolas que, como as  
de Letras, se deveriam destinar quase exclusivamente a  
esse objectivo prioritário. A prazo, um tal descuido pode-  
rá ser fatal. E não é apenas pela qualidade do ensino  
médio que se irá degradando, como reflexo da degradação  
do ensino superior. É também, e sobretudo, porque numa  
altura em que, nas sociedades mais desenvolvidas, se está  
a dedicar uma renovada atenção a esse tipo de estudos,  
após algumas décadas em que o domínio da técnica foi  
avassalador, em Portugal parece não se ter ainda com-  
preendido a sua importância nos tempos que se avizi-  
nam. Continua-se ainda a julgar que as Ciências Huma-  
nas têm apenas a função «decorativa» que tinham nos  
princípios do século, e é possível que as próprias escolas  
em que elas são ministradas pouco façam para alterar essa  
visão. Mas basta terem-se em conta as considerações de  
qualquer organismo internacional dedicado a este tema,  
para nos apercebermos de quanto é ilusório e contrapro-  
ducente investir no ensino como se a sociedade continua-  
se apoiada apenas em parâmetros tecnológicos.

Dia	1
	2
	3
	4
	5
	6
	7
	8
	9
	10
	11
	12
	13
	14
	15
	16
	17
	18
	19
	20
	21
	22
	23
	24
	25
	26
	27
	28
	29
	30
	31

Conflicto estu-  
dantes

